



Os palcos do ENART Pré-Mirim, Mirim e Juvenil

Soledade recebeu, no mês de julho, o histórico ENART das categorias de base. A primeira edição do evento já foi um sucesso, certamente, pois as crianças e os adolescentes são a grande maioria do público artístico. Dito isso, fica claro que eles não são apenas o futuro, e sim o presente do tradicionalismo organizado. Portanto, ofer-

tar a eles um palco de valorização da arte, foi mais do que justificável.

Mas Soledade não se esmerou apenas na infraestrutura e receptividade dos nossos artistas, eles deram atenção a pequenos detalhes que não podemos deixar passar despercebido. Por exemplo: os nomes dos palcos.

Ah sim, foram eleitos grande nomes para os palcos das competições do ENART. Mesmo que tenham sido apenas nomes masculinos, não podemos negar a importância e o legado destes senhores para a história do Rio Grande do Sul e do MTG.

Então, vamos conhecê-los!

PAIXÃO CÔRTEZ

João Carlos d'Ávila Paixão Côrtes foi, sem sombra de dúvida, o maior nome do tradicionalismo gaúcho. Falecido em 2018, deixou um legado que transcenderá as gerações.

Suas ações falam mais do que palavras, por isso vamos tentar formar uma linha do tempo sucinta, porém relevante, de suas contribuições para o folclore, para a história e o tradicionalismo gaúcho:

- 1947 - Fundou o Departamento de Tradições Gaúchas do Colégio Júlio de Castilhos e formou o Piquete da Tradição (Grupo dos Oito).
- 1948 - Foi escolhido Patrão de Honra do 35 CTG, de Porto Alegre.
- 1949 - Liderou a primeira apresentação de uma internada de dança, com a dança da meia-canha, trazida da execução ao Uruguai.
- 1953 - Fundou o pioneiro Conjunto Folclórico Tropeiros da Tradição. Tornou-se apresentador do programa de rádio "Festa no Galpão".
- 1954 - Posou de modelo para a Estátua do Laçador.
- 1956 - Inezita Barroso gravou as músicas tradicionalizadas das danças recolhidas por Paixão e Lessa. Lançou, com Barbosa Lessa, o Manual de Danças Gaúchas.
- 1958 - Paixão Côrtes apresentou-se em Paris.
- 1964 - Apresentou-se na Alemanha e recebeu o prêmio de melhor cantor masculino de folclore do Brasil.
- 1971 - Atuou no filme "Um Certo Capitão Rodrigo", de Anselmo Duarte.
- 1986 - Apresentou-se na Inglaterra, divulgando as traduções de seus livros



para o inglês.

- 2001 - Proferiu palestra sobre a música gaúcha no VII Encontro Nacional de Pesquisadores da MPB, no Rio de Janeiro.
- 2003 - Lançou seu novo manual, com mais danças, derivadas do primeiro.

- 2006 - Patrono dos Festejos Farrroupilhas.
- 2009 - Nomeado cônsul cultural do Sport Clube Internacional.
- 2010 - Eleito patrono da 56ª Feira do Livro de Porto Alegre.



BARBOSA LESSA



Luiz Carlos Barbosa Lessa nasceu em Piratini, em 13 de dezembro 1929, e faleceu em Camaquã, no ano de 2002, vítima de câncer. Bacharel pela Faculdade de Direito de Porto Alegre, foi romancista, contista, poeta, dramaturgo, compositor, jornalista, radialista, pesquisador de folclore e história, roteirista de quadrinhos, executivo de teatro, cinema e televisão, dirigente cultural e cultivador de erva-mate. Ofereceu uma inestimável contribuição à cultura gauchesca, como produtor literário, historiador e crítico do regionalismo. As primeiras letras, aprendeu em casa com a mãe, que também lhe ensinou teoria musical, um pouco de piano e datilografia.

Aos seis anos, Lessa tinha um sonho: ser peão de estância. Mas foi enveredando por outros caminhos e a lida com a palavra acabou virando ofício. Acabou então cultivando de outra forma o apego à vida campeira do Rio Grande. Esculpiu seu amor pela terra na argila do verbo. E a estampa do gaúcho se fez obra literária.

Cursou o ginásio na cidade de Pelotas e lá, aos 12 anos, fundou o jornal escolar “O Gonzagueano”, além de um conjunto musical denominado “Os Minuanos”. Transferiu-se para Porto Alegre para cursar o 2º grau, no Colégio Júlio de Castilhos, e aos 16 anos já era colaborador de uma das principais revistas brasileiras de cultura, a “Província de São Pedro”, e conquistou o primeiro emprego como repórter e revisor da “Revista do Globo”.

Não demorou muito para se identificar com o grupo de oito cavalarianos liderado por Paixão Côrtes em setembro 1947. Foi Lessa, inclusive, o responsável por coletar as assinaturas que motivaram a fundação do primeiro CTG do mundo, o 35 CTG, no ano seguinte. E foi nesse ambiente que ele teve a chance de se reencontrar com seu lado musical.

Barbosa Lessa é autor, junto com Paixão Côrtes, da obra “Manual de Danças Gaúchas”, resultado de pesquisas realiza-

das pela dupla ao longo dos anos de 1950 e 1952. Que também resultou no LP (Long Play, denominação dada aos discos de vinil na época) “Danças Gaúchas”, na voz da cantora paulista Inezita Barroso.

Outras contribuições artístico-culturais de Lessa:

- 1954 – Tese “O Sentido e o Valor do Tradicionalismo”, Santa Maria, 1º Congresso Tradicionalista.
- 1956 – Comédia musical “Não te assusta, Zacaria!”, sobre danças e costumes gauchescos, com apresentações em várias cidades do Rio Grande do Sul, Curitiba e São Paulo.
- 1959 – Prêmio da Academia Brasileira de Letras pela obra “Os Guaxos”.
- 1983 – Pré inauguração da Casa de Cultura Mário Quintana, então ocupando o cargo de Secretário Estadual de Cultura na administração de Amaral de Souza.



JOÃO CEZIMBRA JACQUES

João Cezimbra Jacques nasceu na freguesia de Santa Maria da Boca do Monte, em 13 de novembro de 1849. Criado pelos avós paternos, fez carreira como militar de cavalaria e foi para a reserva no posto de major.

Perdeu a mãe, a esposa e os filhos muito jovens, vítimas de tuberculose, o mesmo mal que o fez sucumbir aos 73 anos. Faleceu no Rio de Janeiro, em 28 de julho de 1922.

Dizem ter sido um excelente tocador de viola, grande conhecedor das danças antigas, além de ginete e exímio domador.

Carreira:

Em 1867, aos 18 anos, foi voluntário para as forças brasileiras na Guerra do Paraguai.

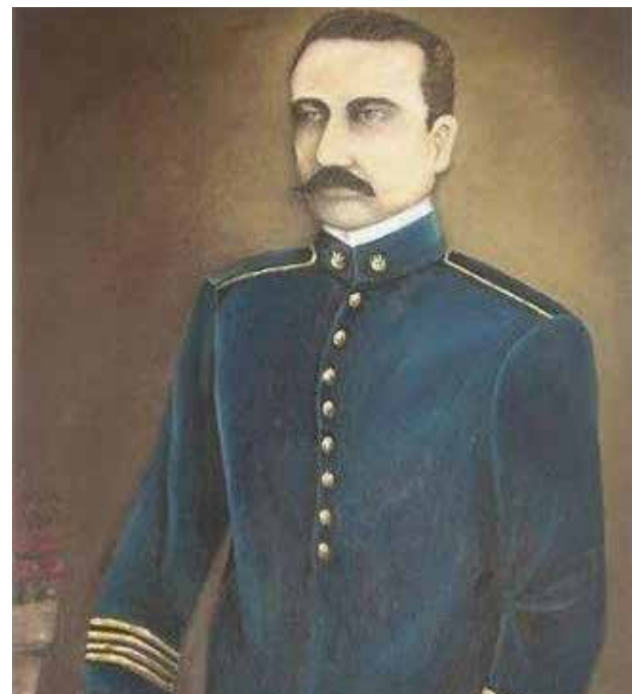
Foi um dos fundadores do Partido Republicano do RS, no ano de 1880.

Em 1898 foi mentor e edificador do Grêmio Gaúcho de Porto Alegre.

Sendo o primeiro escritor a publicar um livro em Santa Maria, participou, em 1901, da criação da Academia Rio-grandense de Letras.

Obras:

- 1883 - "Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul" (considerações sobre a vida, usos e costumes dos indígenas sul-rio-grandenses)
- 1911 - "Assuntos do Rio Grande do Sul"
- 1918 - "O Parlamentarismo e o Presidencialismo" e "O Presidencialismo Puro"
- 1918 - "A Proteção ao Operariado na República"



BENTO GONÇALVES



Bento Gonçalves da Silva nasceu em Triunfo, em 23 de setembro de 1788. Maçom e defensor das ideias liberais, foi um dos grandes comandantes da Revolução Farroupilha e primeiro Presidente da República Rio-grandense.

Bento iniciou cedo na vida militar e participou da primeira campanha Cisplatina (1811-1812) ao lado do exército pacificador de D. Diego de Souza. Nesse mesmo período estabeleceu-se na banda oriental do Uruguai e casou-se com Caetana Joana Francisca Garcia, com quem teve oito filhos. Participou também da segunda campanha Cisplatina (1816-1821). Na guerra contra as Províncias Unidas do Rio da Prata, alcançou o posto de coronel no ano de 1828 pelos serviços prestados.

A ele foi confiado o comando da fronteira sul do Brasil por ordem de D. Pedro I, o tornando comandante da Guarda Nacional do RS no ano de 1832. Em um cargo eminentemente político, convenceu o regente Padre Feijó nomear como novo presidente da Província Antônio Rodrigues Fernandes Braga, o mesmo homem que iria derrubar (1835) dando início à Revolução Farroupilha.

Após o fim da revolução, Bento passou os dois anos seguintes em sua estância, no Cristal, e morreu de pleurisia, em Pedras Brancas, Rio Grande do Sul, em 18 de julho de 1847.

FONTES:

<http://www.paginadogaicho.com.br/barbosalessa/bio.htm>

<https://estanciavirtual.com.br/inicial/2017-04-02-quem-foi-barbosa-lessa/>

<https://www.extraclasse.org.br/cultura/2002/04/gaicho-sem-pilcha/> Renato Dalto / Publicado em 13 de abril de 2002

<http://www.paginadogaicho.com.br/pers/jcj.htm>

<http://parquebento.blogspot.com/p/general-bento-goncalves-da-silva.html?m=1>

#Eu Apoio a Música Gaúcha

Dentre as canções de maior destaque de Barbosa Lessa, podemos citar: Negrinho do Pastoreiro, Quero-Quero, Balseiros do Rio Uruguai e Despedida. Além, é claro, do Hino Tradicionalista.

Balseiros do Rio Uruguai
Oba, viva veio a enchente
o Uruguai transbordou
vai dar serviço p'ra gente.
Vou soltar minha balsa no rio,
vou rever maravilhas
que ninguém descobriu.

Amanhã eu vou m'embora
pros rumo de Uruguiana
vou levando na minha balsa
cedro, angico e canjerana.

Quando chegar em São Borja,
dou um pulo a Santo Tomé
só pra ver as correntinas
e bailar um chamamé.

[Bis do refrão]

Oba, viva veio a enchente

TU SABIAS?

O Major Cezimbra Jacques, que nasceu em Santa Maria, foi quem deu desenvolvimento a Lenda de Imembuí, que também foi acolhida por João Belém. Texto pesquisado e desenvolvido por Rosane Volpato, publicado em <http://literaturaehistoria.com.br/index.php/estudos/perfis/72-cezimbra-jacques>

LENDA DE IMEMBUÍ

Índios minuanos, seduzidos pela beleza e delícias do local, vieram acampar em uma região que chamaram de Iguitorí, “terra da alegria”, em campos onde fica a atual cidade de Santa Maria.

O cacique da tribo era o valente Japacani, “águia”, que possuía como esposa a bela Ibotiquintã, “botão em flor”. O casal teve uma criança: Imembuí, “filha da água”, assim chamada porque nasceu às margens de um arroio, onde a linda mulher do chefe indígena fora tomara banho.

Mais bonita que a própria mãe, Imembuí cresceu sendo adorada por toda a tribo.

Passado algum tempo, Japacani, convocado, viajou para encontrar-se com Taguatoberá, “gavião dourado”, respeitado e poderoso cacique da nação minuano, que morava, com seu povo, nas fraldas da Serra de Aceguá, em Bagé, a caminho dos campos do Uruguai.

Terminado o “Monohonga”, a Assembleia dos Povos Indígenas, Japacani

que viera na companhia da mulher e da filha, regressa para cumprir a missão que lhe coubera, pois as tribos preparavam-se para a guerra contra os bandeirantes.

A tarefa que lhe foi distribuída, consistia em atrair para a causa da união das tribos, o cacique Ibitiruçu, Serraria, dos Tapes, que não se submetera aos padres da Companhia de Jesus.

Obtida a aliança dos tapes, minuanos e charruas, passaram-se a exercitar na arte da defesa, sob o mando de Icuiaiaira, “senhor das boleadeiras”.

Mas, no decorrer de tantas caminhadas e reuniões, Imembuí veio a conhecer Acangatu, “boa inteligência”, jovem tape, filho de uma irmã do cacique Ibitiruçu de nome Puicaça Poranga, “pomba formosa”.

A paixão do jovem tornou-se uma obsessão, entretanto, a bela Imembuí, embora muito amiga, o tratava como irmão, “che quibui”.

Festejavam os índios os bons fados que os deixavam unidos, quando os paulistas que vinham da Colônia do Sacramento, atraídos pelas fogueiras, danças e ritos, caíram sobre os indígenas.

Os nativos, mais numerosos e aguerridos, derrotaram os bandeirantes e dos prisioneiros que iam ser levados à morte encontrava-se um jovem branco muito atraente, que imediatamente foi chamado pelas índias de Angaturã, “o belo”.

Não demorou para que Imembuí e Angaturã se apaixonassem perdidamente. A índia então, teve a coragem de pedir a seu pai que concedesse ao bandeir-

rante a liberdade.

Reuniu-se a Assembleia dos Guerreiros, e estes, porque tinham muita amizade por Imembuí, concederam a satisfação de seu pedido, sob a condição de que Rodrigo (este era seu verdadeiro nome) deveria acompanhar a tribo. Os jovens, em seguida, casaram-se.

Acangatu, coitado, quase morreu de paixão, mas como era um homem de bom coração e ainda, vendo que nada mais poderia fazer para conquistar o coração de sua amada, desapareceu dos olhos de todos, embrenhando-se na mata, para nunca mais voltar.

O jovem branco, “Morotin”, para os índios, foi muito feliz com sua jovem esposa e trabalhou muito para o engrandecimento da tribo. Ele viajou, realizou bons negócios, comprou, trocou e melhorou as condições econômicas dos índios aos quais pertencia sua mulher.

Passaram-se muitos anos, outra vez, e eis que um dos filhos já de dezoito anos, perdera-se, à noite, dentro da mata, onde foi achado pelo irmão de criação de sua mãe, justamente no momento que um tigre avançava sobre o rapaz.

Voltaram então, o jovem com Acangatu para junto de Imembuí e Morotin.

E foi assim, que todos viveram como bons amigos, até morrerem de velhos...

E aqui acaba a história de Imembuí, “símbolo de graça”, que foi aquela que reuniu em torno de si àqueles que primeiro povoaram Santa Maria.

